



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11763 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**ACOMPANHAMENTO DA FAMÍLIA ÀS ATIVIDADES ESCOLARES DOS FILHOS:
INTERROGANDO PRÁTICAS DE GÊNERO**

Vivian Ferreira Morais de Carvalho - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

**ACOMPANHAMENTO DA FAMÍLIA ÀS ATIVIDADES ESCOLARES DOS FILHOS:
INTERROGANDO PRÁTICAS DE GÊNERO**

O presente texto apresenta reflexões iniciais e dados de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é investigar possíveis referenciais de gênero expressos no acompanhamento familiar às atividades escolares, realizadas no ambiente doméstico por estudantes de ensino médio. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa. Trata-se de entrevistas semiestruturadas. As análises aqui apresentadas são de uma das famílias, onde foram realizadas entrevistas com a mãe e os dois filhos, estudantes de Ensino Médio.

Segundo Glasman (2005), se há uma coisa que todos os alunos sabem é que quando as aulas terminam não significa que terminou a escola. Desde o ensino fundamental, os alunos necessitam dispor determinado tempo fora do horário de aula trabalhando em alguma tarefa escolar. Carvalho (2004), considera como dever de casa as atividades pedagógicas prescritas pelos professores para serem realizadas após o horário escolar. A sua maioria, é feita no contexto doméstico, o que demanda uma estrutura familiar que apoie as atividades escolares.

Ao demandar suporte e apoio das famílias para sua realização, o dever de casa cria situações nas quais se expressam as relações de poder existentes no âmbito familiar. Dentre essas, destacam-se as relações de gênero. Lins, Machado e Escoura (2016) afirmam que as disposições de gênero utilizadas em nossa sociedade, auxiliam na criação de expectativas de comportamentos. Essas relações incluem regras para restringir comportamentos considerados femininos e masculinos, encaixando pessoas em estereótipos e servindo de base para situações de desigualdade.

O conceito de gênero pode ser compreendido como uma categoria social e representa uma explicação a atribuições específicas que cada cultura estabelece para o feminino e o masculino (SOUZA, 2007). Assim, ao nascer, um sujeito passa a viver em uma estrutura social objetiva preexistente, onde a socialização é um elemento central para a compreensão da perspectiva de gênero. Nesse processo a família exerce papel crucial na diferenciação de meninos e meninas.

A família focalizada neste texto é composta por Margarida, 55 anos, cuidadora de idosos, e seus dois filhos, Narciso e Violeta – os quais, no momento das entrevistas, tinham respectivamente 18 e 16 anos e cursavam, também respectivamente, o 2º e o 3º ano do Ensino Médio em uma Escola Estadual. Margarida tem outra filha, que é citada em alguns momentos da entrevista, mas que não participou da pesquisa. Ela e seus filhos residiam juntos em uma casa de bairro popular na cidade de Contagem. As entrevistas com os três foram feitas separadamente, o que possibilitou triangular, posteriormente, as respostas dos participantes.

Na experiência da mãe e dos adolescentes é possível observar percepções de diferenciações entre eles. No discurso destacado abaixo, Margarida fala sobre Narciso e Violeta.

“Narciso sempre me deu muito problema. Eu era chamada na escola de dia e de noite, e isso desde sempre. Muito mais do que as meninas. Violeta era mais comportada que Narciso e ia melhor na escola também. Tive mais problema disciplinar com ele do que com ela. Ele é um menino inteligente e tudo, mas eu acho que ele foi indo pra um pouco abaixo da média por conta dessas coisas que ele aprontava. Sempre fui chamada várias vezes. Várias vezes”.

(MARGARIDA, 55 anos, entrevista de pesquisa, 2021)

As diferenças de desempenho entre meninos e meninas são parte da realidade educacional. Nesse caso, há um discurso de que a socialização tenha alguma relação com o que Margarida observa nos dias de hoje.

“Acho que essa diferença é de personalidade mesmo. E também porque um é menino e a outra é menina. Porque eu tenho duas meninas e eu acho que o homem ele já é mais ‘lerdão’. A mulher parece que já nasce pronta. O homem é mais tranquilo, sabe?! Mais tranquilo em tudo, mais relaxado.”

(MARGARIDA, 55 anos, entrevista de pesquisa, 2021)

Souza (2007), afirma que a família reforça as diferenças de gênero, diferenciando masculino e feminino, brinquedos e atividades de meninos e meninas. Essas diferenças também são advindas das diferentes responsabilidades dadas a cada um deles.

"Minha mãe deixa ele (Narciso) fazer algumas coisas que não deixa a gente fazer. Tipo, na hora de arrumar a casa ela é muito mais exigente comigo e com a minha

irmã mais velha. Ela fala que homem não leva muito jeito pra essas coisas, mas ela cobra ele mesmo assim. [...] A minha irmã é mais velha que nós dois e até hoje ela pede pra sair, tem que falar aonde vai, que horas volta e ele que é homem não precisa ficar falando nada. Ele só avisa e pronto.”

(VIOLETA, 16 anos, entrevista de pesquisa, 2021)

Essas divisões e diferenciações relatadas tanto pela mãe quanto pelos filhos, são legitimadas pelos adultos na socialização da criança e no futuro se traduzem em uma hierarquia de gênero e se revelam como uma relação de poder.

“As minhas meninas vira e mexe elas falam comigo: “A senhora tem que olhar também, o Narciso a senhora não está cobrando dele.” E é em tudo. Elas acham que eu protejo, ou achavam porque eu também comecei a mudar minha atitude, a me analisar. Será que é verdade? E é verdade”. [...] Então às vezes na logística da casa é mais fácil eu mandar quem eu sei que vai trazer do jeito que eu quero. E nem sempre eu tô querendo pagar o preço de falar: “Vai!”, e aí automaticamente eu tiro essa responsabilidade dele. Mas agora eu tenho falado pra ele ir e se chegar do jeito que eu não quero eu mando ele resolver. Então tem hora que é desgastante e eu não tô com tempo de fazer isso toda hora e de certa forma a gente dá uma relaxada”.

(MARGARIDA, 55 anos, entrevista de pesquisa, 2021)

É possível perceber que, no caso analisado, as desigualdades de gênero persistem. Ao considerar as falas e comportamentos de Margarida, Narciso e Violeta, é necessária a reflexão sobre o papel da família na construção das identidades e dos estereótipos acerca da masculinidade e da feminilidade.

A discussão envolvida neste texto nos leva a perguntar que papéis e identidades persistem nos valores familiares da contemporaneidade como modelos de ser e fazer diferenciados para filhos e filhas. A família deve ser um local onde gênero não seja excludente, mas sim que assegure a inclusão e a transformação de papéis e valores tão arraigados na sociedade.

Palavras-chave: Gênero; dever de casa; família.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2004, n.25 [Acessado 26 Junho 2021], pp. 94-104. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100009>>. Epub 09 Out 2006. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100009>.

GLASMAN, D. *Le travail des élèves pour l'école en dehors de l'école*. Chambéry: Université de

Savoie, 2005.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1ª ed. São Paulo: Reviravolta, 2016. 142 p.

SOUZA, F. C. de. **Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas**. Araraquara, 2007. 222f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cad. Pagu, Campinas, n. 33, p. 265-283, Dec. 2009 .Disponível em: . Epub 01 Fev 2010. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>. Acesso em: 24 mai. 2021.